

Pais lotam agenda dos filhos e esquecem das brincadeiras

Felipe Lucatti Rodrigues Carvalho tem 7 anos, pratica natação, ginástica e paddle (uma nova modalidade de tênis, bastante difundida na Argentina). Na escola, durante as aulas de educação física, faz ainda futebol e basquete. "Gostaria que ele fosse um atleta", diz a mãe, Ivanete Lucatti, orgulhosa. "Não importa em que esporte." O garoto porém, não parece tão entusiasmado dentro da piscina. "Essa água é muito fria", reclama, batendo os dentes. "Só venho porque minha mãe manda."

A dona de casa Débora Vieira de Oliveira também espera, um dia, ver sua filha Pamela, de 7 anos, no alto do pódio. "Acho que é o sonho de toda mãe", explica. "Valoriza o ego da família." Para ela, esporte nunca é em excesso. "Quanto mais melhor", afirma. Pamela, que pratica natação e ginástica, prefere jogar vôlei na rua, com as amigas.

Fanatismo — A vontade de ter um filho atleta pode levar os pais a um fanatismo prejudicial às crianças. "Os pais querem oferecer o melhor para seus filhos e acabam perdendo os parâmetros", afirma a psicóloga Sandra de Souza Lobo Stirbulov. "Deixam a agenda das crianças lotada e se esquecem que elas precisam brincar e estar junto deles."

Isso acontece, segundo Sandra, em duas situações. A primeira, quando os pais precisam trabalhar o dia inteiro e se sentem culpados por não estar todo o tempo com os filhos. "Eles acham que se as crianças estiverem o tempo todo ocupadas não vão notar a falta", diz a psicóloga. "Os pais vêem nisso uma forma de compensação." A outra situação, bastante comum, ocorre

Vidal Cavalcanti/AE



Vidal Cavalcanti/AE



Sonho das mães

Pamela e Felipe: natação para que, um dia, se tornem atletas

quando os pais se sentem derrotados. "Ainda mais hoje em dia, com a situação do País", acrescenta Sandra. "Se eles não conseguem sucesso, esperam que pelo menos o filho seja um vitorioso."

Quem sai perdendo com essa atitude é a criança. "Ela vai incorporando o papel de ter de ganhar sempre", explica Sandra. "Quando não consegue, fica frustrada." A competição que começa muito cedo pode ter como consequência dois tipos de adulto. "Se em criança costumava vencer, vai fazer qualquer coisa para atingir o sucesso mais tarde", afirma. "Se teve muitas derrotas na infância, no futuro pode se achar um eterno perdedor."

Segundo a psicóloga, o esporte deve ser praticado por gosto e para que a criança aprenda a se relacionar socialmente, sempre como forma de lazer e recreação. "A competição deve surgir apenas após a puberdade, quando então já se tem noção dos valores morais", aconselha. "Após os 14 anos, a criança está pronta para vivenciar, na prática, a vitória e a derrota." Mesmo nessa fase, os pais não devem supervalorizar nenhum dos dois casos. "Devem deixar claro que a vida é assim, um dia se ganha, no outro se perde."

Crianças sobrecarregadas, na maioria das vezes, acabam se tornando pessoas agressivas e sem objetivos. "Os pais devem perceber o ritmo natural de seus filhos", explica Sandra. "Se eles tiverem muitos estímulos, podem se perder em meio a tantas oportunidades, além disso, ficam ansiosos e agitados, porque não conseguem dar conta de tudo, e se tornam agressivos." Isso sem falar no stress, muito comum nessas crianças. (H.N.)